

O MÉTODO FENOMENOLÓGICO NA ÉTICA DE MAX SCHELER

J. Silveira da Costa

Departamento de Filosofia – IFCS/UFRJ

O problema ético é, certamente, um dos mais complexos e empolgantes que a filosofia suscita sem encontrar uma solução plenamente satisfatória. Contudo é uma questão a respeito da qual todo pensador, necessariamente, toma posição, constituindo-se em pedra de toque para se avaliar a sua envergadura filosófica.

Max Scheler, saudado pelo próprio Heidegger como a mais vigorosa força filosófica da Alemanha, da Europa e da Filosofia contemporânea¹ é uma confirmação disto. Com efeito, no conjunto de sua produção filosófica, a sua abordagem e o seu posicionamento em relação ao problema fundamental da Ética apresentam uma nota de originalidade tanto criativa quanto profunda que justica plenamente o juízo de I. M. Bochenski ao qualificá-lo como a figura mais original da primeira metade do século XX no campo da Ética².

A originalidade de Max Scheler no que respeita ao problema ético aparece, antes de tudo, no próprio método adotado. Trata-se do método fenomenológico. Este, por si só, caracteriza a abordagem scheleriana de maneira única. Querer caracterizar a ética de Scheler com base no seu emocionalismo axiológico não é correto nem suficiente. O que, de fato, torna Scheler um filósofo ímpar e inconfundível no campo da ética é a utilização que faz do método fenomenológico. Nem sequer a questão dos valores é tão importante, pois antes disso está a questão do método. O problema da ética de Max Scheler — pode-se afirmar com toda segurança — é um problema de método, pois não é possível compreender o seu pensamento ignorando as dimensões da influência que sobre ele exerce a fenomenologia.

E não é só. Embora influenciado por ela, a originalidade de Scheler não se deixa enquadrar nos exatos limites da proposição husserliana. Respeita, sim, o que considera atitude e orientação geral da fenomenologia, mas assume um posicionamento pessoal quanto ao modo de entender e aplicar o método ou enfoque correspondente, como também quanto aos resultados alcançados³, e no campo da ética que esta particularidade da fenomenologia em Scheler se torna mais manifesta.

São muitas as perspectivas adotadas em relação ao problema fundamental da ética que é o problema do Bem e do Mal. Duas, contudo, podem resumir as linhas gerais dos principais enfoques. Tais são: a perspectiva ontológica e a genealógica.

Na perspectiva ontológica encontramos como questão primeira a pergunta sobre o ser, a realidade ontológica do Bem e do Mal. Esta forma de encarar a questão supõe a possibilidade de se chegar a um conhecimento objetivo da essência mesma do Bem e do Mal. Esta convicção está presente em todas as modalidades de ética que, em última análise, não dispensam o recurso a algum tipo de metafísica. Toda ética de conotação religiosa pertence a esta categoria na medida em que busca fundar-se na existência e nos atributos da divindade. E este é o modelo que prevaleceu até Kant.

A perspectiva genealógica, inaugurada por Nietzsche, reduz o problema do Bem e do Mal ao da origem das idéias do bom e do mau. Com isto a perspectiva ontológica substituída por uma perspectiva psicológica.

Esta substituição e mudança de perspectiva tem, atrás de si, uma problemática da maior relevância. Equivale, em termos schelerianos, a substituir a ética pela moral, e isto supõe que, com rigor, existe uma diferença essencial entre uma e outra. Em Nietzsche⁴ isto significa a negação pura e simples de toda metafísica, bem como da validade objetiva tanto da ética como da moral. A primeira, por fundar-se num grande equívoco; a segunda, por resultar da criatividade arbitrária do ser humano. De qualquer forma, nas duas perspectivas o problema está levantado e a filosofia não pode furtar-se a ele sem se comprometer perigosamente.

Max Scheler adota um posicionamento suficientemente explícito quanto às relações entre Moral e Ética, o que impede qualquer ambigüidade terminológica e conceitual entre ambas. Em "Der Formalismus in der Ethik"⁵ mostra claramente a necessidade de se fazer uma distinção precisa entre Conhecimento Moral, Conduta Moral e Ética. É o reconhecimento ou intuição moral que orienta a conduta. Contudo, nem o conhecimento nem a conduta moral constituem a ética. "A ética é constituída, antes de tudo, pelo conjunto de juízos formulados a respeito do que é dado no conhecimento moral. E é filosófica na medida em que se limita aos conteúdos aprióricos do que é dado de maneira evidente neste conhecimento"⁶.

Este sentido filosófico da ética já fora suficientemente acentuado numa passagem anterior da mesma obra onde afirma: "A ética não procura, com efeito, tornar compreensível aquilo que é socialmente considerado bom ou mau, mas o que é bom ou mau em si"⁷.

Com isto temos, desde já, estabelecida a distinção fundamental entre a abordagem de Scheler e a de Nietzsche, por exemplo. Este reduz o Bem e o Mal à dimensão do homem que os cria a partir de determinados mecanismos que a psicologia pode detectar, descrever e explicar. Para Scheler esta abordagem, embora válida, é insuficiente, pois explica a conduta moral, mas não soluciona o problema fundamental e específico da ética. Quer dizer: uma, é a questão **de fato** que pode ser esclarecida e solucionada por uma ciência particular como a psicologia, a sociologia ou a

história; outra, é a questão *de iure* que só a filosofia pode, senão solucionar, pelo menos dimensionar em termos que permitam apontar para a essência mesma do problema. As primeiras têm como objeto a Moral; só a filosofia tem como objeto a Ética.

É verdade que no Cristianismo, como em toda cosmovisão religiosa, a moral pretende ser simplesmente uma concretização da ética. Em suas perspectivas, cada qual parte da certeza e convicção absolutas da validade teórica de seus fundamentos religiosos, onde a própria fé busca, em muitos casos, pelo menos indiretamente, apoio na razão. Donde a dificuldade, nesse contexto, de isolar a abordagem estritamente racional e filosófica da religiosa. Permanece sempre uma boa margem de ambigüidade.

Max Scheler pretende, precisamente, superar esta ambigüidade na medida em que a sua é uma atitude em que o radicalismo crítico visa chegar às últimas conseqüências. Embora pessoalmente imbuído de alguns elementos de crença, não é em função nem a partir deles que desenvolve sua reflexão, mantendo-se rigorosamente fiel à perspectiva filosófica. Por isso mesmo em Max Scheler o adjetivo "filosófico" aplicado à ética é redundante. Se emprega a expressão é apenas no sentido de evitar a ambigüidade anteriormente referida.

Entretanto convém observar que, quase sempre, as referências à Ética Filosófica supõem como necessária a sua fundamentação na metafísica. As diversas modalidades de ética se explicariam pela diversidade das metafísicas subjacentes.

Também neste aspecto a posição de Scheler é original. Com efeito, a sua é uma ética filosófica mas que, ao mesmo tempo, não está fundada em nenhum tipo de metafísica. Este é um dos aspectos marcantes do pensamento de Max Scheler, pois consegue evitar e superar o relativismo ético sem apelar para qualquer forma de dogmatismo, apesar da crítica kantiana que arrasou com toda possível metafísica. Do mesmo modo consegue escapar ao irracionalismo como também ao formalismo kantiano.

Pode parecer paradoxal a afirmação de que Scheler evita o irracionalismo, quando se recorda o seu emocionalismo axiológico. Mas esta impressão desaparece ante a constatação de que Scheler parte do fato, do auto-dado do conteúdo moral apreendido e vivenciado experimentalmente. Sobre esse material levantado pela experiência a razão funda, elabora e explicita o significado e as conseqüências de alcance teórico que constituem a ética. Aliás, neste ponto, Scheler se mantém rigorosamente fiel à sua concepção de filosofia exposta nos trabalhos que integram "La essência de la filosofía"⁸. Nesses trabalhos a filosofia aparece como um saber que funda a sua superioridade na consciência mesma de suas próprias possibilidades e limites. A sua é uma racionalidade autenticamente socrática e, portanto, profunda e radicalmente crítica.

Max Scheler, ao abordar o problema da ética, tem como interlocutores mais destacados Kant e Nietzsche. O diálogo com o pensamento kantiano é por demais evidente através de todo o texto de "Der Formalismus in der Ethik". Quanto a Nietzsche, é uma presença que acompanha o pensamento de Scheler a partir de dentro. A crítica nietzscheana é algo incorporado ao mesmo espírito da reflexão de Scheler não propriamente no que se refere ao seu conteúdo, mas no que diz respeito à sua modalidade, ao seu esquema.

Scheler reconhece, juntamente com Nietzsche, a existência de certos mecanismos psicológicos que atuam e atuam nas formas de pensar e de valorar da humanidade. Enquanto essa constatação leva Nietzsche a concluir pela total arbitrariedade da metafísica e da moral, Scheler, apesar disso, permanece convicto da existência de valores objetivos.

Ao relativismo e amoralismo nietzscheanos opõe o seu realismo e objetivismo axiológico. Isto pode ser facilmente verificado comparando-se "A Genealogia da Moral"⁹ de Nietzsche, com "L'homme du ressentiment"¹⁰ de Scheler. Estas duas obras caracterizam suficientemente e contrastam entre si duas formas de pensar que, numa e noutra vertente, se desenvolvem em outras. Em Nietzsche, em "Para além do bem e do mal", "Assim falou Zaratustra"; em Scheler, em "La esencia de la filosofía" e no "Der Formalismus in der Ethik". Em ambos predomina a preocupação e o esforço por realizar a tarefa mais importante do filósofo que, segundo Nietzsche, consiste em solucionar o problema da avaliação e determinar a hierarquia dos valores¹¹.

Além de Kant e de Nietzsche, outros pensadores e outras perspectivas estão presentes, como pano de fundo, na reflexão scheleriana. Em um trabalho publicado pela primeira vez em 1914¹² encontramos as principais referências que formam levadas em conta em "Der Formalismus". Tais referências nos levam, além evidentemente de Kant, às éticas de Fichte e Hegel, denominadas "tradicionais", às éticas evolucionistas de Spencer, Guyau e Wundt e às éticas de orientação axiológica entre as quais inclui a sua.

É curioso observar como Scheler não parece levar em consideração determinadas éticas que se pretendem fundadas na metafísica como, por exemplo, a ética cristã. É provável que, por pretender uma abordagem filosófica do problema, tenha omitido qualquer referência a esse tipo de ética cujos princípios ecoam, embora embora longinquamente, na sua filosofia.

Por outro lado em "Der Formalismus in der Ethik", embora tendo Kant como interlocutor principal, Scheler refuta não só o Formalismo Kantiano como também todas as formas de psicologismo, sociologismo e historicismo na ética, sem deixar de reconhecer o papel relevante desses enfoques no esclarecimento da moral. Por isso mesmo essas abordagens

resultam refutadas de forma indireta, uma vez que a preocupação de Scheler está voltada diretamente para a questão fundamental da ética que é o problema do Bem e do Mal, ou mais precisamente, do Bom e do Mal.

O esquema de Max Scheler pode ser resumido em três pontos no que se refere à abordagem e solução do problema. Primeiro: demonstração, juntamente com Kant, da impossibilidade de se fundar a ética na realidade sensível, qualquer que seja a sua natureza. Segundo: refutação do Formalismo Kantiano. Terceiro: proposição da Ética Material dos Valores.

A demonstração da impossibilidade de se fundar a ética no mundo de bens materiais constitui precisamente o conteúdo das primeiras páginas do "Der Formalismus"¹³. É a rejeição da chamada ética dos bens e dos fins nos mesmos termos reformulados por Kant, a saber: não se pode fazer depender a bondade ou a moralidade do querer e do ser humano da existência concreta do mundo de bens e do conhecimento empírico que se possa ter dos mesmos. Qualquer que seja, eventualmente, a denominação deste mundo de bens como, por exemplo, Estado, Igreja, Cultura, Bem Comum, o valor moral dependeria sempre da medida segundo a qual se contribuísse para manter ou favorecer o desenvolvimento desse conjunto de bens. Qualquer alteração ocorrida nesta realidade modificaria, ao mesmo tempo, o sentido e a significação do bem e do mal. E como a história mostra que o mundo de bens assim concebido está sujeito à mudança e evolução contínuas, o valor moral do querer e do ser humanos sofreriam as mesmas vicissitudes. E Scheler conclui com Kant: seria o relativismo absoluto na ética, ou seja, um verdadeiro contrasenso.

Do mesmo modo a ética que pretende estabelecer um fim ou objetivo último para medir o valor moral do querer por sua relação com este fim, é igualmente absurda. Com efeito, este modelo de ética rebaixa os valores do bom e do mau ao nível de valores técnicos subordinados a esse fim. O bom e o mau não seriam mais valores em si, mas valores do meio. Além do mais, acrescenta Scheler, não tem sentido, do ponto de vista da ética, a referência a fins bons ou maus independentemente do ato da vontade que os propõe. Um fim é bom ou mau se o ato da vontade que o propõe é bom ou é mau, pois "toda pessoa boa propõe fins bons"¹⁴, o que demonstra à evidência que os conceitos do bom e do mau não são abstraídos dos conteúdos empíricos dos fins.

Com estes argumentos Scheler considera definitivamente refutada a Ética dos Bens e dos Fins. E nisto está plenamente de acordo com a posição kantiana. Entretanto, enquanto Kant deduz, a partir desta conclusão, a impossibilidade de uma ética material, propondo o Formalismo na ética como única solução viável, Scheler encontrará outros caminhos.

Em termos gerais, a posição de Scheler, contrária a Kant, está fundada no dado "a priori" dos valores éticos. Ou seja: para Max Scheler

os valores éticos são objetivos, não dedutíveis da experiência empírica, mas apreensíveis pela experiência fenomenológica. É o que define como “a priori material”.

A experiência fenomenológica para fundar a Ética Material dos Valores constitui o elemento mais original da proposta de Max Scheler, colocando-o em confronto direto com o formalismo kantiano. Entretanto a noção mesma de experiência fenomenológica nos remete à intuição e ao princípio dos princípios da Fenomenologia de Husserl: “Toda intuição na qual se dê originalmente algo, é fonte autêntica e legítima de conhecimento”¹⁵.

Com a aplicação deste princípio Scheler inicia o “Der Formalismus” mostrando como os valores se distinguem realmente de seus suportes, mesmo os valores de nível mais inferior, como os vinculados à sensibilidade orgânica. Analisa três modalidades de vivência axiológica, descrevendo-as pormenorizadamente, visando a tornar evidente a autonomia dos valores sensíveis, estéticos e éticos em relação a seus respectivos suportes.

Começando pela análise minuciosa e aprofundada da vivência dos valores sensíveis e da linguagem com a qual são expressos, Scheler pretende mostrar que esses valores são perceptíveis e percebidos em si mesmos, independentemente da percepção dos respectivos suportes ou sujeitos.

Se a análise fenomenológica da apreensão dos valores relacionados com o plano do agradável sensível — conclui Scheler — onde a união entre a qualidade axiológica e seus suportes é a mais íntima possível, mostra a distinção entre os valores e seus suportes, com maior razão e facilidade este fato se fará evidente na área da estética e, sobretudo, da ética. Os valores não são simples propriedades das coisas que nos são dadas como unidades que denominamos bens. O seu ser é independente.

Quanto aos valores morais, explica Scheler, basta, em determinadas circunstâncias, a experiência de uma única conduta ou a presença de um único indivíduo, para que possamos captar, a essência mesma de determinado valor¹⁶.

Mais. Independentemente de uma referência aos valores é impossível encontrar um critério para o que é bom ou mau. Se nos basearmos nos suportes ou sujeitos cairemos no farisaísmo. Daí a conclusão de Scheler: “Existem qualidades axiológicas autênticas e verdadeiras que constituem um domínio próprio de objetos que têm entre si relações e correlações determinadas e que, enquanto qualidades axiológicas, podem estar situadas em diferentes níveis. Daí resulta a possibilidade de se estabelecer uma ordem e uma hierarquia entre estas qualidades axiológicas que constituem os valores”¹⁷.

Scheler descarta a possibilidade de se poder identificar os valores com poderes, faculdades ou disposições pertencentes às coisas e capazes de provocar nos sujeitos determinados estados afetivos ou desejos. Se isso

fosse verdade, argumenta, a experiência dos valores dependeria sempre da ação desses poderes, do exercício dessas faculdades ou da estimulação dessas disposições. Neste caso a hierarquia qualitativa dos valores seria sempre uma conseqüência de uniões reais entre estes poderes, faculdades ou disposições. Teríamos ou um critério de ordem puramente quantitativa (energias axiológicas pertencentes às coisas) ou um critério puramente subjetivo (seriam superiores os valores que tivessem uma repercussão mais profunda em nossas faculdades).

O ponto mais importante da análise de Scheler é a sua pretensão em mostrar como evidente o fato de que a captação dos valores se realiza por um ato distinto daquele pelo qual se apreende os respectivos suportes, o que vale também para as relações axiológicas. É a questão de fato que garante a questão de iure da Ética Material dos Valores.

Trata-se do fato e do conteúdo da experiência fenomenológica dos valores, ou seja, da intuição axiológica ou evidência intuitiva dos valores. Embora, em princípio, a tese seja válida para todos os valores, é aos valores éticos fundamentais do bom e do mau que Scheler faz uma aplicação explícita e concreta.

Aqui, mais uma vez, Scheler assume uma postura original no âmbito da fenomenologia, ao reconhecer, ao lado da intuição intelectual, a existência da intuição emocional. A razão, enquanto oposta à sensibilidade, no sentido dado pelos Gregos, refere-se apenas — diz Scheler — à dimensão lógica do espírito. Ora, o espírito possui uma outra dimensão que é a emocional. Os axiomas axiológicos exprimem o conteúdo da intuição emocional que pertence a esta outra esfera. São independentes da lógica e de modo algum constituídos pela aplicação desta ao domínio dos valores. Daí que a fenomenologia dos valores e da vida emocional constitui um campo autônomo de objetos e de pesquisa, completamente independente da lógica. Aqui também é possível uma captação intuitiva da essência, bem como uma perfeita evidência e exatidão da intuição emocional.

É através da intuição emocional que se alcança a evidência intuitiva dos valores éticos, necessária para fundar os respectivos juízos. As questões em torno dos juízos de valor condicionados pelas circunstâncias históricas e das diversas idéias a respeito do Bem e do Mal, só podem ser abordadas a partir da experiência indutiva. Contudo o sentido dessas questões depende do conhecimento prévio da essência dos valores éticos.

É possível uma teoria sobre o que os homens julgam moralmente bem ou mau em cada época e em cada lugar. Mas não é este o papel da ética, pois esta não pretende explicar o que socialmente é considerado bom ou mau, mas determinar o que, de fato e de iure, é bom ou mau.

Mais. Para se determinar o caráter moral de um juízo social de valor é necessário um conhecimento prévio da essência da intencionalidade moral.

Por isso Scheler acentua que o discernimento ético é e deve ser independente da experiência empírica, pois o fato de que algo seja, concretamente, considerado bom ou mau não é critério de juízo moral. Mesmo que o bom jamais tenha sido considerado como tal, nem por isso deixa de ser objetivamente bom. Donde se conclui que jamais será válido deduzir o ser dos valores éticos de quaisquer formas do ser real, pois as qualidades e correlações axiológicas são independentes das formas do real.¹⁸

Com base nestes princípios Scheler critica e refuta o formalismo kantiano. Embora concordando com a afirmação de Kant de que os princípios da Ética devem ser e são de fato “a priori”, não aceita a conclusão de que a exclusão de toda ética indutiva exija necessariamente a construção de uma ética formal. Esta conclusão — explica Scheler — se deve ao fato de Kant desconhecer a experiência fenomenológica. Por isso não consegue dar uma verdadeira fundamentação ao “a priori ético”, estando impossibilitado de estabelecer a diferença entre os fatos da observação empírica e da indução e o domínio dos fatos essenciais “a priori” constituído pelos valores, domínio ao qual só a experiência e o método fenomenológico dão acesso.

Concretamente, Scheler apela para o testemunho de cada um ao refletir e conscientizar o que se passa consigo nas vivências axiológicas no campo da ética, afirmando textualmente: “Evidentemente, como todos os fenômenos axiológicos irreduzíveis, estes valores não podem ser definidos. O que podemos fazer é reenviar cada qual à observação de sua experiência vivida imediata, quando percebe alguma coisa boa ou má”¹⁹.

Portanto existe uma intuição da essência do Bem e do Mal que pode ser identificada, descrita e explicitada mediante o método fenomenológico. O bom e o mau não são criações da subjetividade, mas realidades **a priori** dadas através da vivência axiológica.

Outro elemento importante da análise de Scheler é a constatação da existência de uma hierarquia absoluta dos valores. A experiência axiológica em geral — não a especificamente ética — mostra que todo valor é percebido como superior ou inferior, positivo ou negativo. Isto evidencia, segundo Scheler, a existência de uma hierarquia igualmente a priori e objetiva na esfera dos valores, pois todo valor é percebido ocupando uma determinada posição nesta escala axiológica.

Prosseguindo, Scheler verifica que os valores bom e mau têm como suporte o ato intencional da vontade. Assim, bom é todo valor que aparece no ato volitivo orientado para a realização de um valor superior ou positivo. Mau é todo valor que aparece no ato volitivo orientado para a realização de um valor superior ou negativo.

A hierarquia dos valores figura, assim, como uma tábua de referência em função da qual se determina a bondade ou maldade do querer.

O dado fundamental é a objetividade e a hierarquia dos valores. O bem e o mal aparecem como qualidade do querer ao intencionar a realização dos valores. Portanto, na perspectiva fenomenológica de Scheler, o bom e o mau têm como fundamento os mesmos valores e sua hierarquia dados experimental e vivencialmente.

Por outro lado, como o querer, cujos atos constituem o suporte essencial dos valores éticos, tem a pessoa como sua fonte e origem, Scheler conclui: "Só a pessoa merece, originariamente, o epíteto bom ou mau"²⁰. Isto significa que a pessoa é o suporte originário dos valores bom e mau anteriormente à realização de quaisquer atos concretos e independentemente deles, tese esta que constitui o Personalismo de Max Scheler. Este Personalismo se opõe à afirmação kantiana segundo a qual bom e mau pertencem originariamente só aos atos do querer na medida em que são ou não conformes à lei. Significa ainda que o suporte dos valores morais não são, antes de tudo, os atos concretos da pessoa tomados isoladamente, mas a orientação mesma de seu poder ou capacidade moral, na medida em que esta capacidade de realização se refere aos domínios da obrigação ideal, diferenciados de acordo com categorias qualitativas axiológicas irreduzíveis. Contudo este poder precede necessariamente toda idéia de dever, pois esse poder é a condição mesma do dever. Somente numa perspectiva posterior é que os atos da pessoa, incluídos os atos da vontade e da conduta, podem ser considerados suporte do bom e do mau. Reduzir os suportes aos atos voluntários, como faz Kant, é esquecer a existência de uma série de outros atos, distintos dos volitivos, conclui Max Scheler.

Ressalta-se, assim, a diferença essencial que existe entre os valores bom e mau e os demais valores. É que a pessoa, definida como unidade concreta de atos possíveis, sendo ela mesma ato, se opõe a tudo aquilo que pode ser reduzido a objeto e ao domínio das coisas, eventuais suportes dos demais valores. Os valores bom e mau estão vinculados e condicionados ao suporte específico da pessoa, entendida como ato ou intencionalidade concreta, enquanto os demais valores podem ter outros suportes na qualidade de objetos e coisas.

De qualquer forma é o método fenomenológico que sustenta a tese segundo a qual os valores bom e mau são valores existentes em si mesmos e, como tais, dados como objetos da intuição emocional. A explicitação do conteúdo desta intuição dá à *Ética Material dos Valores* — no contexto da obra e do pensamento de Max Scheler — a sua definitiva fundamentação.

NOTAS:

(1) Tilliette, X.: "Max Scheler e a evidência do Tu" in *Presença Filosófica*, Vol. IV, nº 1, Jan.Mar., 78, p. 29.

(2) Bochenski, I. M.: "Europäische Phil. der Gegenwart", Frank Verlag, Bern, 1947, p. 146.

- (3) **La esencia de la Filosofía**, Ed. Nova, Buenos Aires, 1958, p. 60.
- (4) **Genealogia da Moral**, Guimarães Editores, Lisboa, 1976.
- (5) **Der Formalismus in der Ethik und die materiale Wertethik**, Frank Verlag, Bern und Muenchen, 1966, p. 86.
- (6) *Ibid.*, p. 88.
- (7) *Ibid.*, p. 65.
- (8) Editorial Nova, Buenos Aires, 1958.
- (9) Guimarães Editores, Lisboa, 1976.
- (10) Gallimard, Paris, 1958.
- (11) Cf. **A Genealogia da Moral**, p. 47.
- (12) "Ethik, ein Forschungsbericht", *Jahrbuecher der Philosophie*, II (1914), pp. 81 – 118.
- (13) *Op. cit.*, pp. 32 e ss.
- (14) **Der Formalismus in der Ethik**, p. 34.
- (15) Xirau, J.: "La filosofía de Husserl", Ed. Losada, Buenos Aires, 1941, p. 45.
- (16) **Der Formalismus in der Ethik**, pp. 36 – 37.
- (17) *Ibid.*, p. 37.
- (18) *Ibid.*, p. 46.
- (19) *Ibid.*, p. 47.
- (20) *Ibid.*, p. 49.